

URGE UMA POLÍTICA PARA O MANGANÊS*

Prof. Octávio Barbosa

BRASIL: Realmente tem havido muito exagero sôbre as reservas de minério de manganês do país, especialmente quanto às do Estado de Minas Gerais. Estas, nos dias que correm, não devem exceder 3 milhões de toneladas no distrito do centro, sendo 2.1/2 milhões no Morro da Mina, em Lafaiete. Ultimamente estudou-se o distrito de Saúde, no mesmo Estado, onde se pode contar com alguns milhões de minério com mais de 42%. As maiores reservas brasileiras são as de Urucum, Estado de Mato Grosso, da ordem de 40 milhões de toneladas. Um grande alarme se fez em tôrno das recém-descobertas jazidas do Amapá, mas realmente os precavidos não palpitam mais do que poucos milhões de toneladas.

Quanto à qualidade, os minérios de Minas variam de 30 a 50% Mn e os de Urucum de 40 a 50%. O conteúdo em ferro dos minérios de Minas é razoável, mas o de Urucum é da ordem de 9 a 12% (Mn 50-46%, respectivamente). A relação Mn:Fe é em Urucum, pois, em média, menor do que 5, geralmente só aceitável em época de guerra. As jazidas de Minas ficam a 500 km do Rio de Janeiro e as de Urucum, a 2.500 km de Buenos Aires. As do Amapá, localizam-se a 180 km da costa.

Das maiores jazidas brasileiras, o Morro da Mina já exportou cêrca de 4.1/2 milhões e Urucum 60 mil toneladas, apenas.

Parece provado que os minérios brasileiros não se prestam a beneficiamento mecânico. Somente seriam aplicáveis os mais recentes processos atrás mencionados, especialmente o de gás sulfuroso. Entretanto o Brasil não possui jazidas próprias de enxôfre, e as de pirita são de exploração anti-econômicas.

Uma comparação honesta e singera dos dados citados demonstra que nós não estamos em situação internacional privilegiada em relação à exportação de minério de manganês e que, portanto, para catequizar o freguês devemos ir procurá-lo em sua casa.

Os quadros que apresentamos mostram bem a nossa situação mundial em relação aos principais países produtores de

* N.D. - Este trabalho, na sua parte referente ao Brasil, foi transcrito do A.B.M. - Noticiário nº 9

minério de manganês e ao nosso maior importador e mais provável freguês, os Estados Unidos da América do Norte.

Da comparação desses dados, é interessante salientar ainda que a União Sul Africana está exportando em grande escala um minério do tipo do de Urucum, extraído a 1.000 km no interior e transportado para Durban em estrada de ferro. Ora, com navegação própria, acreditamos francamente que o minério de Urucum possa ser posto em melhores condições em Buenos Aires.

Não se justifica, pois, é nosso parecer, o marasmo em que nos colocamos, em relação ao mercado norte-americano de minério de manganês. E não se diga, pois que é ridículo, que devemos continuar com montanhas de minério como reserva. Em poucos minutos pode-se provar a estultice dessa idéia. Atualmente produzimos cerca de 500 mil toneladas anuais de aço. Realizado o programa completo de Volta Redonda estaremos produzindo 1.1/2 milhões de toneladas anuais, o que será para nós um notável índice de progresso. Muito bem, para isso devemos ter à mão 25.000 toneladas anuais de minério de manganês do tipo metalúrgico (2.1/2 milhões toneladas de minério dão 1 tonelada de metal, admitindo-se perda de cerca de 30% na fabricação do ferro-manganês). Para uma previsão de 100 anos, o que já é forte exagero, 2.1/2 milhões de toneladas de minério de manganês bastam como reserva. É o caso então, de proibir-se a exportação de minério do centro de Minas Gerais, cujas jazidas são as mais próximas das nossas usinas siderúrgicas. Aliás, temos ouvido conversa de que a Companhia Siderúrgica Nacional pensa em reservar-se as suas concessões, nas quais existem umas 600 mil toneladas. A nosso ver, é política altamente prudente.

E que faremos com os depósitos de Urucum e do Ampá? É gritante que devemos pô-los em franca atividade exportadora. Pergunta-se, entretanto: há freguês para esses minérios e eles suportam a concorrência?

A primeira parte dessa pergunta, responderemos que já em 1939 entre outras autoridades norte-americanas, Roush a aconselhava ao Governo dos Estados Unidos adquirir entre 200 e 300 mil toneladas anuais excedentes ao consumo normal para fazer stock. Em 23 de Julho de 1946 o presidente dos Estados Unidos aprovou a lei de estoques de minérios estratégicos, o de manganês adquirido então a Cr\$750,00 a tonelada. E, em Fevereiro deste ano, Pherson, economista - mineral do Bureau of Mines, escreve no "Mining & Metallurgy":

Since the end of World War II the demand for raw materials has been so heavy that industry stocks have not been replenished and in addition, the small Government surpluses that were available at the close of the war have been used up to meet current industrial needs as required under the surplus property legislation. As a consequence, the United States is now in a extremely vulnerable position with respect to raw materials. In view of the tense international situation, some feel that the restrictive provision in the stock-piling law was designed primarily to protect the economy in the transition from war to peace has served its purpose and that natio-

nal defense should now receive prior consideration. It is argued that by inserting the clause "so far as practicable". Congress intended to leave some discretion in stock-pile procurement policy to the stock-piling authorities. If this be so, the Government is in a position to decide to enter the market and compete for available supplies with industrial consumers.

Como se vê, sugere-se ao governo norte-americano entrar francamente no mercado como comerciante. Isso nos interessa sobretudo, pois pelo menos parte do negócio pode ser tratado de governo para governo, com garantia oficial ou ofício de um contrato longo e contínuo, que permitia amortizar razoavelmente grandes instalações de mineração e de transporte.

O preço atual da tonelada cif portos do Atlântico é nos Estados Unidos, Cr\$600,00. A tarifa protecionista é de cerca de Cr\$50,00 por tonelada, exceto para o minério de Cuba, que é livre. Até Dezembro de 1947, era Cr\$100,00.

Quanto à segunda parte da pergunta anteriormente feita, acrescentaremos que, no caso de Urucum, uma frota própria e apropriada à navegação no rio Paraguai colocará minério em Buenos Aires em melhores condições que o de Durban. E de Buenos Aires aos portos americanos, realiza-se a idéia de Calogeras relativa à "frota Bessemer" que o transporte marítimo será bastante reduzido, isto é, exportando-se minério de manganês e importando outro tanto de carvão betuminoso. Se a África do Sul está realizando um progresso crescente nesse terreno, por que não o realizaremos?

E a propósito da qualidade de nosso minério, repare-se que o minério russo é muito baixo em ferro. É prático, portanto, misturá-lo com minério brasileiro para que se obtenha uma relação ótima Mn:Fe.

De tudo o que espuzemos, é lícito concluir que o Brasil pode perfeitamente exportar continuamente e duradouramente umas 500 mil toneladas anuais de minério de manganês para os Estados Unidos da América do Norte. Cabe aos governos do Estado de Mato Grosso e do Território do Amapá, concessionários que são das respectivas jazidas, providenciarem sem demora a respeito. Esperar mais é continuar a contemplar platônicamente "o gigante deitado em berço esplêndido...".

Referências

- "Manganese", Imperial Inst. London, 1938. Roush - "Strategic Mineral Supplies", N.Y., 1939.
- "Brasil", 1941, 1942, 1943 e 1944, Com. Ext., Rio.
- "Anuário Estatístico Brasileiro, Rio 1946.
- "Mineração e Metalurgia", Rio, div. n°s.
- "Mining & Metallurgy", N.Y., div. n°s.
- "Eng. & Mining Journal, N.Y., div. n°s. Roush - "The Mineral Industry", 1941, N.Y.
- "Divisão de Fomento da Prod. Mineral, Rio, div. boletins. Bol. 7, Lab."